

ROBERTA ABREU BEZERRA
TAYNARA INGRIDY FERREIRA PENA

**COMUNIDADE QUILOMBOLA BUIEIÉ: Cultura, Identidade E
Pertencimento**

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
2024

ROBERTA ABREU BEZERRA
TAYNARA INGRIDY FERREIRA PENA

**COMUNIDADE QUILOMBOLA BUIEIÉ: Cultura, Identidade E
Pertencimento**

Memorial referente ao Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV), como requisito para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Projeto Experimental intitulado *Comunidade Quilombola Buieié: Cultura, Identidade E Pertencimento*, **de autoria das estudantes** Roberta Abreu Bezerra e Taynara Ingridy Ferreira Pena, **aprovadas pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes membros:**

Prof.^ª Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier - Orientadora
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Me. Jonathan Fagundes
Jornalista e Mestre Em Extensão Rural

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Viçosa, 12 de setembro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho em dupla merece o agradecimento à altura. Sendo assim, nós, Taynara e Roberta, escrevemos individualmente nossa gratidão, cada uma com suas particularidades. A seguir, nesta ordem, os agradecimentos da Taynara e da Roberta:

Traçar essa jornada até aqui não foi fácil. Houve noites em claro — no início, aproveitadas em festas, e no final, dedicadas aos trabalhos que precisavam ser entregues. Desde o começo da graduação, tive a sorte de conhecer alguns profissionais incríveis, tanto técnicos quanto professores. Assim, deixo meu agradecimento ao Departamento de Comunicação Social – Jornalismo da UFV.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à nossa orientadora, Prof^ª. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier, que não mediu esforços para que este trabalho fosse concluído da melhor forma possível. Obrigada, Mari, por aceitar o desafio de nos orientar, pela paciência, pelos ensinamentos e pelo direcionamento ao longo de todo o processo.

Sem minha família, essa conquista não seria possível. Agradeço de coração aos meus pais, Márcio e Agostinha, por sempre me apoiarem incondicionalmente, mesmo à distância. Agradeço também aos meus irmãos, Joice e Júnior, pelo suporte constante, e à família Ferreira, por sempre me oferecer momentos de alegria.

Meus amigos também foram fundamentais nessa trajetória. Sou eternamente grata a cada um de vocês, que tornaram meus dias mais leves e me acolheram nos momentos mais difíceis: ao Robert, à Roberta, à Laura, à Isabelle, ao Gustavo, à Adrielle, à Antônia e à Duda (VID). Um agradecimento especial às minhas amigas que, mesmo de longe, sempre encontraram uma forma de me ajudar: Marina, Gabi e Júnia, vocês são incríveis!

Um agradecimento muito especial ao meu namorado, Fabricio. Obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos. Você cuidou de mim de tantas formas, em casa fez a sua parte e a minha para que eu pudesse estudar dia e noite, carregou equipamentos, procurou artigos e, acima de tudo, me incentivou a continuar. Obrigada por tudo!

Nosso principal agradecimento vai para toda a comunidade do Quilombo do Buieié, que nos recebeu em sua terra e nos fez sentir em casa. Este trabalho foi construído com vocês e para vocês. Esperamos ter contribuído para a preservação e continuidade da história e do legado do Buieié.

E, por fim, à minha parceira de trabalho, Roberta, deixo meu sincero agradecimento. Obrigada por aceitar o convite para desenvolvermos este projeto juntas. Nossa parceria foi

essencial para chegarmos até aqui. Nossa sintonia foi natural, e nossos pensamentos sempre caminharam juntos. Foram madrugadas em claro, exercícios não feitos, reuniões perdidas e fins de semana de trabalho intenso, mas alcançamos nosso objetivo. Obrigada por me encorajar nos momentos de dúvida e por ser sempre tão positiva, mesmo quando tudo parecia caótico. No final, deu tudo certo — como você sempre acreditou!

Taynara Pena

Escrever este agradecimento é passar um filme na cabeça. Eu vejo uma menina cheia de incertezas, pensando que ficaria apenas o primeiro semestre naquele curso que nem queria. Eu vejo ela pensando estar insatisfeita, mas andando sorridente por todo lado com uma plaquinha que dizia “Caloura Comunicação Social - Jornalismo, UFV 2019”. Ora, essa menina se afirmava algo, em algum lugar. No fundo, ela sabia que ela estava exatamente onde deveria estar. Essa menina sou eu, uma quase jornalista e comunicadora. Agradeço à Deus por me permitir viver o extraordinário e não me deixar desistir.

Eu agradeço ao Cinecom e à Intermídia, por serem os primeiros espaços de revelação da minha vocação ao jornalismo e à comunicação, bem como os incontáveis projetos por onde passei. Aos técnicos e docentes que passaram pelo DCM nos últimos seis anos, por se doarem em prol da educação - em especial ao Leandro que me aturava nas gravações do Minimetragem desde o primeiro período; à Kátia Fraga por todo afeto e incentivo e à Mariana Procópio, minha orientadora, por ser uma profissional e pessoa exemplar.

À minha mãe, Vanda, e ao meu pai, Ademar, que não tiveram a oportunidade de adentrar no ensino superior, eu agradeço por sempre me incentivarem e, através de tanto esforço, me permitir conquistar um sonho que é nosso, sem a preocupação de que seria impossível. Vocês conseguiram: os dois filhos formados na Federal de Viçosa! Estendo meu agradecimento ao meu irmão, que sempre foi meu exemplo; à Érica por todo apoio; à Alice por, apenas com um sorriso, ser meu momento de respiro em meio à produção do TCC; à Mônica e Erik por também serem minha família e pelas palavras positivas.

Ao meu namorado, Leo, agradeço por sempre me incentivar e nunca fazer eu duvidar que conseguiria, por vivermos a vida universitária juntos e sermos amparo um do outro. Às minhas amigas-irmãs Vivian, Julia, Isa, Rafa, por vivermos tantos momentos especiais nesses anos, vocês foram minhas companheiras absolutamente em todos os momentos, dos melhores aos piores. E, claro, como uma boa sagitariana, eu agradeço às festas viçosenses que não me deixaram pirar e foram momentos de diversão e construção de memórias para a vida toda. E como eu vivi!!!!

Agradeço também à - como eu costumo dizer - “tampa da minha panela”, Taynara, minha dupla de TCC, de exercícios físicos, de Coordenação de Formatura e tantas outras coisas. Obrigada por esse trabalho incrível, por cada conversa, cada desabafo... foram noites viradas para entregarmos o nosso melhor, muitas idas e vindas ao Buieié, reuniões atrás de reuniões... amiga, NÓS CONSEGUIMOS! Tenho orgulho do que produzimos, com a ética, valores e princípios que compartilhamos. Obrigada por tudo!

À comunidade do Buieié, agradeço por abrirem as portas de suas casas, pelo almoço, café e pelas trocas que levarei para toda a vida. Obrigada por acreditarem nesse trabalho e por confiarem em nós. Espero, de coração, ter cumprido as expectativas.

E, por fim, mas não menos importante, ao VID, amigos que fiz na primeira semana de Universidade e que jamais imaginaria a dimensão do laço que criamos. Robert, Tay, Laura, Dri, Belle, Duda, Antonia, Gustavo e nossa mascote Antonella: não há palavras que dimensionem o amor e a gratidão que sinto por ter vocês nessa linda e inesquecível trajetória.

Obrigada, em especial, aos meus afetos que acompanharam o processo de Trabalho de Conclusão de Curso. Que entenderam minhas ausências, meu cansaço, minha falta de paciência e contribuíram com orações e palavras positivas. Obrigada por tudo, agora, finalmente, entendo que, como dizia a música Principia, amor é muito mais que sentimento: é atitude e decisão.

Roberta Abreu

**Eu sou porque nós somos
então eu não sou nada se o
outro não for junto comigo.**

RESUMO

O presente memorial acompanha o Projeto Experimental Buieieí: Cultura em Resistência, que aborda a história, identidade e cultura da Comunidade Quilombola Buieieí, situada na zona rural de Viçosa, Minas Gerais. O principal objetivo deste produto é evidenciar a resistência cultural e a manutenção dos valores identitários da comunidade, frente aos desafios históricos e contemporâneos. Para a realização deste trabalho, foi necessário o estudo de teorias referentes aos eixos cultural, histórico, identitário e negro, além das práticas documentais audiovisuais, com a investigação do gênero e o registro de depoimentos dos próprios moradores como narradores de suas histórias. Dezesete pessoas compõem este documentário, cujas narrativas entrelaçam perspectivas pessoais e históricas do local, evidenciando a identidade quilombola viva ali.

PALAVRAS-CHAVE: Buieieí; Quilombo; Identidade; Documentário, Cultura.

ABSTRACT

This memorial accompanies the Buieieí: Culture in Resistance Experimental Project, which deals with the history, identity and culture of the Buieieí Quilombola Community, located in rural Viçosa, Minas Gerais. The main aim of this product is to highlight the cultural resistance and maintenance of the community's identity values in the face of historical and contemporary challenges. In order to carry out this work, it was necessary to study theories relating to the cultural, historical, identity and black axes, as well as audiovisual documentary practices, investigating the genre and recording testimonies from the residents themselves as narrators of their stories. Seventeen people make up this documentary, whose narratives interweave personal and historical perspectives of the place, highlighting the quilombola identity alive there.

KEY-WORDS: Buieieí; Quilombo; Identity; Documentary, Culture.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| CAPÍTULO 1 - IDENTIDADE, CULTURA E PERTENCIMENTO DENTRO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS..... | 12 |
| CAPÍTULO 2 - O GÊNERO DOCUMENTÁRIO..... | 18 |
| CAPÍTULO 3 - RELATÓRIO TÉCNICO..... | 24 |
| 3.1. Pré-produção..... | 24 |
| 3.2 Produção..... | 25 |
| 3.2.1 Apresentação dos personagens..... | 25 |
| 3.2.2 Gravações..... | 35 |
| 3.3 Pós-Produção..... | 37 |
| 3.3.1 Edição..... | 37 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 39 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 41 |
| ANEXOS..... | 43 |

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de grande diversidade étnica e cultural e as comunidades quilombolas representam um aspecto fundamental dessa pluralidade. De acordo com o Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país concentra aproximadamente 1,3 milhão de pessoas quilombolas, o que equivale a 0,65% da população total. Esta pesquisa inédita pelo IBGE focou na investigação e documentação dessas comunidades tradicionais, proporcionando um panorama mais detalhado sobre sua presença e características.

As comunidades quilombolas são definidas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário como “grupos étnicos, predominantemente compostos por população negra rural ou urbana, que se identificam com base em suas relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, e as práticas culturais próprias” (Brasil, 2020, s.p.). Essa definição ressalta a complexidade das identidades quilombolas, que estão profundamente enraizadas em laços históricos e culturais com o território que ocupam.

No contexto de Minas Gerais, o Quilombo Buieie se destaca como uma das comunidades quilombolas mais representativas. Localizado na zona rural de Viçosa, na Zona da Mata mineira, o Buieie tem uma história rica que remonta ao período pós-escravocrata. Há cerca de cem anos, após o enfraquecimento do sistema escravista, uma fazenda de engenho de cana-de-açúcar foi desativada e a proprietária doou duas grandes parcelas de terra aos escravos forros. Naquele momento, deu-se início ao que Pinto (2010) denomina como "reterritorialização", um processo pelo qual os ex-escravos retomaram e adaptaram suas práticas culturais em um novo contexto.

Em 2017, o Quilombo Buieie obteve o Certificado de Comunidade Remanescente dos Quilombos, uma importante conquista após treze anos de reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares. Contudo, o processo de titulação das terras, iniciado em 2005, ainda está em andamento pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). A luta pela titulação das terras reflete as contínuas batalhas enfrentadas pelas comunidades quilombolas para garantir seus direitos territoriais e culturais.

A ocupação do território por ex-escravizados gerou uma série de signos que contribuíram para a formação da identidade e do pertencimento ao Quilombo Buieie. Essa identidade é intrínseca às práticas culturais e sociais, sendo evidente sua manifestação nos moradores, de geração em geração. Durante uma visita à comunidade, observou-se um significativo movimento de resgate histórico e cultural, liderado principalmente pelos jovens.

Esse movimento é complementado pelos relatos dos moradores mais antigos, que mantêm viva a memória e a história da comunidade. Pinto (2010) afirma que:

A formação da identidade territorial entre os moradores, portanto, está diretamente ligada não apenas à posição e ocupação geográfica, mas, principalmente, ao intercâmbio entre as famílias, à sua história enquanto afro-descendentes e aos laços antigos de propriedade e vivência naquela terra (PINTO, 2010, p. 312).

Interessadas em compreender este processo de formação da identidade de uma comunidade quilombola, vislumbramos a realização de um documentário, com o objetivo principal de refletir sobre as temáticas de identidade, ancestralidade e cultura no Quilombo Buieié. Pretende-se evidenciar que, mesmo com o passar dos anos e a perda de membros mais velhos, a cultura, a identidade e o sentimento de pertencimento da comunidade permanecem vivos e ativos.

O documentário busca capturar as histórias e preservar as memórias que formam a identidade dos quilombolas. A pesquisa busca dialogar com membros da comunidade de diferentes faixas etárias para obter uma compreensão abrangente das diversas perspectivas sobre a vida no quilombo. A metodologia adotada inclui o estudo de teorias relacionadas aos eixos cultural, histórico e identitário, além de práticas documentais audiovisuais, com ênfase na coleta de depoimentos dos próprios moradores como narradores de suas histórias.

Embora o Quilombo Buieié tenha sido objeto de estudos anteriores, como o documentário *Essa história não é minha* (Berto, 2015), que retratou um sentimento de não pertencimento, a realidade atual da comunidade revela uma população ativa e engajada no resgate de suas raízes culturais. Este projeto visa apresentar uma visão atualizada e mais completa da comunidade, incorporando a perspectiva dos moradores mais jovens, que desempenham um papel crucial no movimento de revitalização cultural.

O documentário, como meio de comunicação, tem a capacidade de trazer à tona questões que são pouco abordadas pela grande mídia em seu cotidiano. Ele oferece uma oportunidade para apresentar a realidade local de forma mais ampla e inclusiva. Este projeto busca criar uma obra realista que envolve os personagens na construção da narrativa, através da escolha cuidadosa das falas, do texto, dos ângulos de câmera e da trilha sonora.

CAPÍTULO 1 - IDENTIDADE, CULTURA E PERTENCIMENTO DENTRO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Segundo o dicionário,¹ a palavra quilombo pode ser definida como: “1. local escondido, ger. no mato, onde se abrigavam escravos fugidos. 2. povoação fortificada de escravos negros fugidos da escravidão, dotada de divisões e organização interna (onde tb. se acoitavam indígenas e eventualmente brancos socialmente desprivilegiados)”. Mas tais significados parecem insuficientes para explicar a complexidade e a importância das comunidades quilombolas, que fazem parte da construção histórico-cultural do nosso país.

Os quilombos eram locais para onde os escravizados no período colonial fugiam do sistema escravocrata em busca da liberdade e de condições dignas de vida. “Em Minas Gerais, havia pelo menos 166 quilombos entre 1711 e 1795” (Amantino, 2003 *apud* Florentino e Amantino 2012, p. 270). De acordo com o Censo Demográfico de 2022, hoje, Minas Gerais é o terceiro estado com a maior população quilombola, concentrando 135.310 pessoas.

Conforme explica com Reis (1996), os quilombos tinham características variadas. Podiam ser grandes ou pequenos, isolados ou não e temporários ou permanentes. Mas o objetivo dos quilombos não variava muito, “isolados ou integrados, dados à predação ou à produção, o objetivo da maioria dos quilombolas não era demolir a escravidão, mas sobreviver, e até viver bem, em suas fronteiras.” (Reis, 1996, p.19)

O conhecimento público sobre os quilombos foca quase que exclusivamente na resistência contra a escravidão e na luta pela liberdade. Mas existe mais, além disso, é importante destacar a relação dos quilombolas com a terra que envolve práticas agrícolas como meios de subsistência, mas também formas de preservar e transmitir conhecimentos ancestrais, valores culturais e modos de vida sustentáveis. Para Carril (2005), os quilombolas se transformaram em camponeses, pois a relação com a terra se tornou fundamental para a sobrevivência na sociedade escravista.

Em certos ecossistemas, como os de floresta, os quilombolas tornaram-se extrativistas. Habitantes das margens de rios tornaram-se ribeirinhos e pescadores, além de agricultores, no interior das matas, à montante das cachoeiras e nas serras, lugares que serviram de abrigo e esconderijos, protegendo-os dos capitães do mato (Carril, 2005, p.161).

¹ Definição conforme o dicionário Oxford Languages do Google. Disponível em <https://www.google.com/search?client=opera-gx&q=definição+de+quilombo+dicionario&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8> acesso em 04/08/2024.

Além do cultivo, a população dos quilombos também praticava a troca como uma estratégia crucial para sua sobrevivência. Esta dinâmica ajudava também a criar redes de apoio para além do escambo. Conforme explica Florentino e Amantino (2012, p.274) “De fato, redes estáveis de sociabilidade e auxílio permitiam a obtenção de alimentos, armas, munição, dinheiro e informações que garantiam a sobrevivência presente e futura.” Dessa forma, os quilombos se estruturavam como espaços de resistência, utilizando a troca como modo de se manterem preservados.

Mesmo após a abolição da escravidão em 1888, os quilombos continuaram existindo, porém, foram negligenciados pelo poder público e tardiamente políticas públicas lhe deram devido reconhecimento. Hoje, as comunidades remanescentes de quilombos são um símbolo de resistência de quem sobreviveu às brutalidades da escravidão e buscou sua liberdade com muita luta. Conforme o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003:

consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, Decreto 4.887, 2003).

Uma comunidade remanescente de quilombo, na Zona da Mata mineira, é o Buieié, localizado em Viçosa-MG. Há cerca de cem anos, o local fazia parte de uma fazenda de engenho de açúcar de uma senhora conhecida como Nhanhá do Paraíso.

Segundo Magno (2008), existem duas versões entre os moradores que explicam o surgimento da comunidade. A primeira diz que uma ex-escrava, chamada Maria Luiza do Carmo, comprou as terras, com dificuldade, por meio da comercialização de porcos. Já a segunda versão, conta que a proprietária das terras doou parte de suas terras para aqueles escravos que já estavam livres. Assim, o Buieié foi se formando, com as terras sendo passadas de geração para geração até se formar como conhecemos hoje. Independente de qual versão esteja certa, o fato é que a comunidade do Buieié, segue caracterizada como uma comunidade remanescente de quilombo, perpetuando tradições culturais e ancestrais e mantendo viva a história de seu povo.

Para falar sobre comunidades quilombolas, que são uma das comunidades tradicionais do nosso país, é imprescindível falar sobre cultura e suas conceituações. O sociólogo Roque de Barros Laraia, em sua obra *Cultura um conceito antropológico*, aponta como a concepção de cultura foi sendo construída a partir do momento em que a sociedade foi separando aspectos materiais e imateriais de um povo. “No final do século XVIII e no princípio do

seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo” (Laraia, 2001, p.25).

O responsável pela junção entre os termos Kultur e Civilization foi o sociólogo Edward Taylor (1832-1917), originando a palavra em inglês Culture. Conforme Taylor *apud* Laraia (2001, p.25), cultura "é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade".

Na comunidade Buieie, a cultura quilombola se preserva por meio da oralidade, através das histórias contadas pelos griôs, por meio das músicas, nas rodas de capoeira, nos tambores e na relação que a população mantém com a terra, praticando a agroecologia. Contudo, Laraia (2001) enfatiza que, apesar de indivíduos compartilharem uma mesma cultura, podem participar dela de maneiras diversas. Dentro do Buieie, conseguimos observar a formação de pequenos grupos, que variam consoante aos interesses de cada um. Existe o grupo que pratica capoeira, o grupo que toca tambores, as feirantes, os que cantam e até os que participam de mais de um grupo. Isso ocorre porque cada um interpreta, adapta e expressa elementos culturais de formas que variam de acordo com suas experiências e preferências.

Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (Laraia, 2001, p.101).

A cultura, idioma, etnia e outros são fatores que fazem um grupo se identificar ou se diferenciar de outro. A identidade abrange várias camadas. Pode ser pessoal envolvendo aspectos individuais como crenças, valores e personalidade, mas também pode se referir a uma identidade cultural que se relaciona com o sentimento de pertencimento a determinado grupo. Conforme Mourão e Cavalcante:

Identidade de lugar é uma subestrutura da identidade pessoal construída a partir da interação do indivíduo com seu entorno físico e social. A construção da identidade de lugar está relacionada à percepção de um conjunto de cognições e ao estabelecimento de vínculos emocionais e de pertencimento relacionados aos entornos significativos para o sujeito (Mourão e Cavalcante, 2017, p.17).

O conceito de identidade de lugar pode ser relacionado ao contexto das comunidades quilombolas, pois a identidade dos indivíduos que ali residem está intrinsecamente ligada ao território. O próprio processo de formação dos quilombos diz muito da relação do homem com o local, pois, é aquele lugar que escolheu como refúgio. Para Mourão e Cavalcante (2017), a formação da identidade está no cotidiano e envolve tudo ao seu entorno: as pessoas e grupos sociais com quem se convive, os papéis sociais que se desempenham e principalmente os locais onde vive ou viveu. As pessoas se sentem vinculadas de alguma forma a esse lugar que se torna uma referência para a construção identitária.

A partir do momento em que o sujeito compreende o significado de sua cultura e da ancestralidade, entende o local que ocupa através de sua identidade cultural, se reconhece racial e historicamente e vive o sentimento de pertencimento. A identificação e o pertencimento à sua comunidade e às suas raízes faz com que o sujeito se encontre.

Contudo, apesar de diferentes culturas operarem dentro do mesmo sistema e contexto sócio-histórico, existem aquelas que são marginalizadas e sofrem mais com intolerância e desrespeito. As práticas culturais de matriz africana tendem a passar por essa situação com mais frequência. De acordo com Souza, conforme citado por Tainara de Souza Parreira (2018, p.1) “isso tem origem histórica, já que o Brasil foi primeiramente habitado por índios, que mais tarde se juntaram aos colonizadores europeus e seus escravos africanos. Vários fenótipos e culturas diferentes entre si, que hoje formam a nossa diversidade cultural e racial.”

Segundo Pinto e Mignolo (2016) a narrativa do colonizador é aquela de uma salvação religiosa, cristã, para justificar todos os seus atos violentos e de exploração. Tudo isso é imposto a partir da visão hierárquica de quem coloniza, o ocidente, ao considerar sua cultura e ideia de civilização superior, toma para si o domínio de etnias não ocidentais:

A desumanização de habitantes não europeus do globo foi necessária para justificar o controle de tais “seres humanos inferiores”. Racismo como o conhecemos hoje foi estabelecido àquela época. Racismo não é biológico, mas sim epistêmico; é a classificação e a hierarquização de umas pessoas por outras que controlam a produção do conhecimento, que estão em posição de atribuir credibilidade a tal classificação e hierarquização e que estabelecem a si mesmas como o padrão: “os humanos” – todos os demais são apenas diferentes graus de quase ou semi-humanos. Colonialidade é, portanto, constitutiva de modernidade (Pinto; Mignolo, 2016, p.383).

Na toada dos autores supracitados, Almeida (2019) também problematiza o racismo, sobretudo no contexto brasileiro. De acordo com Almeida (2019, p. 32), “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por

meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam.”

Ainda segundo Almeida (2019), existem três tipos de racismo: individual, institucional e estrutural. O individual compreende aquele indivíduo racista que age isolado ou em grupo manifestando sua discriminação de forma direta, ou indireta. O racismo institucional, como o próprio nome sugere, seria aquele que envolve as instituições e suas práticas que beneficia ou prejudica os sujeitos com base na raça. Já o racismo estrutural faz parte da estrutura da sociedade, estando presente na organização política, econômica e jurídica da sociedade, criando condições para que ele se perpetue e seja normalizado.

A discriminação, falta de oportunidades e dívida histórica com tais grupos faz com que ações afirmativas como essa sejam extremamente necessárias, pois, conforme afirmam Araújo e Timóteo (2021):

Com o fim da escravidão e sem suporte do Estado, os negros que, por mais de 300 anos, foram escravizados, passam a ocupar áreas próximas a morros, e essa ocupação reflete até hoje nos índices de pessoas negras que vivem em favelas, comunidades e morros. Esse reflexo histórico nos leva a compreender e sinalizar as consequências que esse período trouxe para a população negra e como esses fatos influenciaram nas oportunidades que essas pessoas têm nos dias atuais (Araújo; Timóteo, 2021, p.109).

Atualmente, existem algumas medidas que buscam reparações históricas à essa população. Um exemplo é o sistema de cotas raciais no ensino superior, que contempla pretos, pardos, indígenas, quilombolas. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) sobre educação de 2023, apenas 16,4% de pretos e pardos estavam cursando uma graduação, enquanto o número de brancos quase dobrava sendo 29,5%. No artigo 3º, a Lei nº 12.711/2012 estabelece que as vagas:

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023).

Inicialmente, as cotas eram exclusivas do ensino superior, mas, ao longo dos anos, a iniciativa começou a ser implementada, também em concursos públicos. A Lei nº 12.990/2014 reserva 20% das vagas em concursos públicos federais para negros e pardos. Por

vezes, as esferas estaduais e municipais também adotam políticas semelhantes. Apesar dos avanços, é válido destacar que, em algumas ocasiões, o sistema apresenta falhas, permitindo que pessoas que não se enquadram nos critérios das cotas acessem as vagas por esse meio.

Além disso, outra lei que também está inserida no contexto educacional é a de nº 11.645, de 2008, que inclui no currículo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos afro-brasileiros e indígenas no ensino fundamental e médio, tanto na esfera pública, quanto particular, merece destaque. Seu texto dispõe o seguinte:

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (BRASIL, Lei 11645, 2008).

Apesar do Brasil ter construído sua base econômica sobre três séculos de escravidão, como podemos ver, suas políticas de reparação histórica chegam ainda de forma tardia e podem ser burladas. Mas mesmo a passos lentos, são mudanças significativas. Porém, cabe ainda uma reflexão para podermos avançar cada vez mais: A história e cultura desses grupos étnicos é contada por sua própria comunidade, ou ainda é contada pela perspectiva do colonizador?

CAPÍTULO 2 - O GÊNERO DOCUMENTÁRIO

O presente capítulo tem a finalidade de apontar fundamentações teóricas sobre o documentário audiovisual. Para que pudéssemos produzir o nosso projeto experimental, foi necessário um estudo para a compreensão da história e do papel social do gênero documentário, de modo a fundamentar nossas escolhas metodológicas e estéticas.

O documentário é um gênero do cinema, não ficcional, que busca representar a vida real por meio da captação de imagem e som, combinando a arte, técnica e realidade. Nichols (2010) sinaliza que todo filme pode ser classificado como um documentário, já que, enquanto um produto, traz marcas da cultura e do contexto de quem o produziu. Contudo, nas palavras do autor, o que distingue os filmes de ficção para o gênero tratado aqui é a função de “representação social” (Nichols, 2010, p.27), ou seja, o documentário retrata aspectos da realidade, sendo uma construção que envolve escolhas criativas, interpretações e um posicionamento ético por parte de quem o produz.

Embora a captação do cotidiano e o caráter documental já fizessem parte da linguagem cinematográfica dos Lumière², a primeira produção a ser considerada e nomeada como documentário aconteceu nos anos de 1920, sendo esta a *Nanook of the North* (1922), produzida pelo cineasta Robert Flaherty³. Além de ter consagrado o gênero, ela incentivou cineastas a investirem cada vez mais nesse tipo de produção.

Os filmes de Flaherty redefiniram essa visão inicial acerca dos dois tipos de cinema: o documentário passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico) e como protagonistas os próprios "sujeitos" da ação [...] (Lucena, 2012, p.11).

O cineasta combinava observação e encenação e buscava contar uma história que fosse envolvente e emocional para o público. Posto que a encenação - ato de montar cenas - não seja um modelo a ser seguido, já que pode ser considerado antiético e contribui para a perda da autenticidade do documentário, acreditamos em outras contribuições de Flaherty, como a de que o documentário pode servir como uma ferramenta para conhecer e preservar culturas. Essa perspectiva vai ao encontro da proposta do nosso projeto experimental sobre a comunidade Quilombola Buieié, na qual o registro em forma de documentário audiovisual

² Os primeiros registros de imagens em movimentos foram feitos pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, em 1895, e caracterizam o que Lucena (2012) denomina como primeiro ato cinematográfico.

³ Robert Flaherty (1884-1951) foi um cineasta americano, considerado pai do gênero documentário.

não apenas captura e perpetua as tradições e memórias orais, mas também corrobora, visibiliza e conscientiza sobre a própria comunidade e os assuntos que a permeia.

Glauber Rocha, importante cineasta do movimento Cinema Novo, nos anos 1960 e 1970, costumava caracterizar a produção documental como “uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”. Em contraposição, Moletta (2009) argumenta que para melhor representar a realidade por meio do documentário, o lema por si só não basta, sendo primordial o planejamento e a boa execução, desde a concepção da ideia até a edição final, principalmente tratando-se de uma obra independente e de baixo orçamento - como no nosso caso - onde, segundo o autor “exige-se um volume maior de trabalho e de preparação para que o resultado seja satisfatório” (Moletta, 2009, p.12). Para o autor, o curta-metragem⁴ deve ser acompanhado de componentes importantes, como roteiro, direção, fotografia, produção e edição.

No que diz respeito ao roteiro, tanto Moletta (2009) quanto Lucena (2012) discorrem sobre a importância de uma estrutura planejada. É no roteiro onde vamos traduzir em palavras o que está em nosso pensamento e, ao montar, é preciso compreender que, se tratando de um documentário, - como visto, a representação do real - muitos dos planejamentos podem mudar o rumo, por isso Lucena (2012) argumenta que o roteiro precisa ser flexível. Tendo isso em vista, vivenciamos na prática esse pensamento, tanto para desistir quanto para acrescentar conteúdo ao roteiro, que foi trabalhado desde a pré-filmagem até a edição final. Nossa experiência coincide com a orientação de Moletta (2009, p. 35-36), que considera o roteiro como “um guia de ação visual e sonora utilizado para contar uma história e transmitir uma experiência humana”. Na ausência de roteiro, o projeto experimental teria muito mais percalços no que tange a organização e execução de ideias.

Ao descrever a narração, Lucena (2009) afirma que o documentário contemporâneo tem reduzido progressivamente o uso de narradores, refletindo uma tendência crescente de se permitir que as imagens e os próprios sujeitos do documentário conduzam a narrativa. Em consonância com essa abordagem, optamos por um formato no qual os personagens da comunidade do Quilombo Buieie desempenham o papel de narradores de suas próprias histórias. Essa escolha não apenas reforça a autenticidade da representação, mas também proporciona uma experiência mais imersiva para o espectador, ao permitir que a voz da comunidade seja a principal guia do enredo. Desse modo, a narrativa emerge diretamente das

⁴ Filme com duração de até 30 minutos, de intenção estética, informativa, educacional ou publicitária, exibido como complemento de um programa cinematográfico. Definições de Oxford Languages.

vivências e perspectivas daqueles que fazem parte da realidade retratada, promovendo uma conexão mais profunda e respeitosa com a história que se pretende contar.

Ademais, a entrevista durante as gravações deve ser muito bem conduzida, pois é importante que o entrevistado “fale diretamente com o espectador” (Lucena, 2009, p.61). Sendo assim, direcionar o olhar do personagem para a câmera, pesquisar e criar um roteiro de perguntas prévias são tópicos fundamentais para que se alcance esse efeito. Considerando a graduação no curso de Comunicação Social/Jornalismo, acreditamos estar bem equipadas para utilizar essa técnica, dado que as "entrevistas e depoimentos são as principais fontes para a produção de um bom documentário" (Lucena, 2009, p.55). Entendemos que o documentário é uma construção que nasce do outro, da escuta ativa e atenta, conforme apontado por Caputo:

(...) penso que a entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos. Mas é só isso? Talvez não (Caputo, 2006, p.21).

Esse processo se entrelaça intrinsecamente com a performance do documentarista, que precisa ser capaz de extrair e interpretar as narrativas dos entrevistados com sensibilidade e precisão. Penafria (2001) enfatiza que o “ponto de vista” do documentarista não é apenas uma mera observação, mas sim uma construção criativa que transforma um tema em conteúdo reflexivo para os espectadores. Melo (2002, p.37) se aproxima dessa visão ao dizer que “(...) sustentamos que a noção de caráter autoral se liga, essencialmente, ao modo como no filme estão organizados os elementos que o compõem (texto verbal, imagens e sons) e que se adequam à apresentação de um determinado ponto de vista”.

Essas abordagens destacam o documentário como um produto de escolhas estéticas e narrativas que, embora vislumbrem a verossimilhança, não deixam de ser interpretações subjetivas da realidade. Por isso, torna-se ainda mais importante o debate sobre a ética no campo documental, pois o documentarista, ao selecionar e organizar os elementos do filme, exerce um poder significativo sobre como a realidade é percebida pelo público.

Para Postali (2003, 24), a ética pode ser compreendida como “uma postura de respeito com o outro, que tem como objetivo a reflexão sobre o comportamento humano”, que deve estar presente desde o primeiro contato com os personagens, perpassando pelo modo de interação, a transparência das intenções, até a montagem final do produto. Tudo isso deve ser tratado com responsabilidade de modo que assegure não apenas o caráter informativo do documentário, mas também respeite e valorize as vozes e experiências que busca transmitir.

A visibilização de assuntos como o de nosso documentário - uma comunidade quilombola -, é fruto de um movimento audiovisual latente no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, no qual a cinematografia afro-brasileira tomou força e representou os negros tanto na produção quanto nos personagens e nas narrativas tematizadas. O modo de produção variava entre independente e coletivo, mas fato é que ambos estavam “interessados em construir narrativas documentárias, edificadas a partir da tecnologia eletrônica do vídeo” (Sobrinho, 2014, p.17) e começavam a abordar temas como o preconceito racial, desigualdade social e a cultura brasileira sob olhares da contribuição negra.

Dentre os precursores dessas temáticas, muito nos inspira o modo de construção de documentário feito por Zózimo Bulbul⁵, pioneiro na representação da cultura afro-brasileira no cinema. Inventor do cinema negro brasileiro (Carvalho, 2012), Bulbul contribuiu ao colocar assuntos raciais em pauta, trabalhar os personagens negros sem alegorias e estereótipos e promover a “transformação da negritude em agente das narrativas sobre si e a realidade social brasileira” (Rodrigues, 2022, p.1031). Entendendo seu legado, pretendemos, ao avançar com a temática quilombola, que esse documentário seja um espaço de resistência e afirmação cultural, de forma que desafie a exclusão sistêmica e atue como um veículo para a auto-representação, onde os personagens do Buieie não apenas contam suas histórias, mas também reivindicam sua própria narrativa. Nossa intenção também vai ao encontro aos estudos de Rodrigues (2012, p.1044) ao entendermos nossa responsabilidade enquanto documentaristas, pois essa escolha “envolve também responsabilidades relacionadas aos modos de pensar e fazer cinema, de quais e como histórias estão sendo contadas ao colocarem pessoas negras nos centros das narrativas e dos enquadramentos em tela.”

Dada esta importância e em paralelo à realidade atual, o cinema brasileiro é carente no que tange à diversidade, tanto no campo de direção, produção e elenco, o que potencializa a importância e necessidade deste projeto experimental sobre o Quilombo Buieie. Essa falta pode ser provada nas análises feitas pela Agência Nacional do Cinema (Ancine)⁶, com a lente direcionada aos documentários lançados em um intervalo de dois anos: constatou-se que a direção, o roteiro e a produção executiva eram compostos apenas por 2,3% de pessoas

⁵ Zózimo Bulbul (1937-2013) foi um cineasta, ator e ativista negro brasileiro. Com sua obra, especialmente no gênero documentário, ele buscou dar visibilidade às questões raciais e históricas dos negros no Brasil, sendo reconhecido por filmes como *Abolição* (1988), que explora a trajetória da população negra no país desde a abolição da escravidão.

⁶ Dados coletados na pesquisa da Agência Nacional do Cinema (Ancine): *Diversidade de Gênero e Raça nos Longas-metragens Brasileiros Lançados em Salas de Exibição 2016*, divulgada em 2018. Acessado em <https://www.gov.br/ancine/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/apresentacoes/MARCachoeira_LUANARUFINO.pdf>.

negras⁷. Somado a isso, a pesquisa ainda afirma que há uma proporção: se há mais diretores negros, a chance de ter mais negros no roteiro aumenta em 43,1%; do mesmo modo que se há mais roteiristas pretos, a chance da raça prevalecer no elenco é de 52,5%.

Frente ao exposto e tendo em vista o cenário em que mais da metade da população brasileira é negra⁸ (IBGE, 2016), ter a prevalência de pessoas brancas no audiovisual escancara a desigualdade racial e a pouca representatividade, entendida “como um conceito estético que se situa no âmbito da imaginação e da observação” (Sánchez, 2017, apud Dess, 2022, p.7). Tudo isso corrobora para a marginalização das narrativas afro-brasileiras, além de privar o público de um acesso mais amplo e diversificado às realidades culturais do país, já que invisibiliza as contribuições e as vozes negras, reforçando a necessidade de projetos que rompam com essa dinâmica.

Esse cenário, por mais que esteja longe do ideal, vem sendo alvo de mudanças à medida que a indústria audiovisual se desenvolve no país, paralelo aos movimentos sociais e à criação e implementação de políticas públicas afirmativas. Algumas iniciativas, tais como “a ampliação do debate racial na esfera pública, a formação técnica e artística de profissionais negros(as) para o audiovisual, a inserção desses(as) profissionais nas principais funções criativas do mercado e a implementação de ações afirmativas em editais que ainda não as possuem” (Rodrigues, 2022, p.1045), têm contribuído para o debate e mitigação desse desequilíbrio no audiovisual.

Outro exemplo que merece ser destacado é a implementação da Lei de Cotas, em 2012, que possibilita mais acesso de pessoas negras aos cursos ligados ao audiovisual; a evolução quantitativa de coletivos, cineclubes, festivais e encontros, como criação da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (APAN) em 2016; junto aos incentivos financeiros do Governo Federal, como o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) e editais específicos para projetos com temáticas negras; ambos colaboram, frente ao mercado audiovisual, para que esse espaço seja cada vez mais diverso e inclusivo, que não apenas exhibe, mas também celebra a riqueza cultural e histórica das comunidades afro-brasileiras.

Ademais, é preciso destacar que o desenvolvimento da tecnologia permitiu, de acordo com Moletta e Lucena (2009), um maior acesso aos equipamentos e a recursos tecnológicos por parte dos documentaristas. E foi graças a esses dispositivos que a captação da história

⁷ Considera-se o conjunto de pessoas pretas e pardas segundo a classificação do IBGE.

⁸ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Síntese de indicadores 2015 – PNAD. Rio de Janeiro, 2016.

contada pela comunidade Quilombola Buieié se tornou possível e materializada, a fim de documentar, reafirmar e preservar as memórias desse povo.

CAPÍTULO 3 - RELATÓRIO TÉCNICO

3.1. Pré-produção

Nosso primeiro contato com o Quilombo do Buieié se deu em setembro de 2023, durante a disciplina COM 385 - Laboratório de Telejornalismo. Uma das atividades avaliativas dessa disciplina era a produção de uma reportagem, na qual formamos uma dupla e escolhemos o Buieié como tema.

Para melhor delimitar a temática da reportagem, realizamos uma videochamada com alguns moradores da comunidade: Julius Keniata Nokomo Alves Silva, Carina Aparecida Veridiano, Cleonilde Alves Cecílio Pereira (Nina) e Elson Antonio Verdiano. Esse quarteto fazia parte do Buieié Projeto Quilombola e eram as lideranças jovens da comunidade. Através da chamada, com a ajuda dos quatro jovens, conseguimos aprofundar o tema da reportagem, que seria a Feira de Agricultura Familiar Quilombola Buieié. Era algo que eles queriam mostrar ao público e que nós desejávamos conhecer.

Realizamos a reportagem sobre a feira, mas devido ao limite de tempo estabelecido de até 2 minutos e 45 segundos, sentimos que muito conteúdo havia ficado de fora. Esse sentimento, de que a comunidade transmitia uma riqueza cultural que não pôde ser completamente capturada dentro do tempo limitado, foi o que motivou a criação deste TCC. Queríamos mostrar o que não coube na reportagem, em um formato mais extenso: o documentário. Então, escolhemos a comunidade como tema e começamos a estabelecer contato por meio de visitas ao local, participando das feiras.

Em uma de nossas primeiras visitas, fomos recebidas por Carina e Cleonilde, que nos apresentaram o Buieié e sua formação. Caminhando, fomos do chamado Buieié de Baixo, onde se concentram casas próximas, mais pessoas vindas de fora da comunidade e muitos bares, até a parte alta, chamada Joãozinho, a parte mais tradicional, onde há menos casas, mas um maior número de pessoas idosas e naturais do bairro. Ao longo do percurso, Carina e Cleonilde nos contaram e relembrou histórias sobre a comunidade e seus moradores. Em certo momento, nos levaram à casa de um dos mais velhos da comunidade, com quem conversamos e pudemos ouvir um pouco de sua história. Ali, percebemos o quanto aquelas jovens respeitavam os mais velhos e desejavam preservar o que aprendiam com eles.

Vimos toda a riqueza cultural do Buieié expressa na feira, por meio da capoeira, cantos, rodas de conversa e do modo de cultivo e consumo dos alimentos. Além disso, percebemos na comunidade jovem o desejo de aprender com os mais velhos e repassar esses

conhecimentos às próximas gerações. Assim, construímos o argumento que queríamos evidenciar no documentário: a resistência da cultura quilombola através das gerações e sua manutenção até os dias de hoje.

Para nos preparar para as gravações, construímos um roteiro de perguntas e elencamos as principais fontes, sendo elas: o quarteto que deu início a tudo, Carina, Cleonilde, Elson e Julius; Seu João Laurindo, um dos griôs da comunidade, sua esposa Eloísa, e um especialista, José do Carmo. Sabíamos que surgiriam mais fontes ao longo do percurso e nos preparamos para incluí-las no roteiro.

Além das informações coletadas com as fontes e com nossas visitas, começamos também a estudar os assuntos que se relacionavam ao nosso documentário. Concentramo-nos na leitura bibliográfica indicada pela nossa orientadora, professora Mariana Procópio, e também por bibliografias que nós havíamos encontrado.

Com o roteiro pronto, o tema definido, as fontes selecionadas e as gravações acordadas entre as partes, partimos para a produção do documentário.

3.2 Produção

Após acertar todos os detalhes do trabalho com nossa orientadora e recebermos o aval para o início das gravações, marcamos as entrevistas com as fontes conforme a disponibilidade delas e também a nossa. Inicialmente, planejamos realizar as gravações em três finais de semana, mas foi necessário adicionar mais dois dias devido à indisponibilidade de agenda de uma das fontes e a problemas técnicos. Planejamos coletar as imagens para cobrir o documentário juntamente com as entrevistas. Gravamos aos finais de semana, mais precisamente nos dias 20/07/24, 27/07/24, 01/08/24, 03/08/24, 04/08/24 e 10/08/24 e, durante a semana, nos dedicamos à escrita do presente memorial.

3.2.1 Apresentação dos personagens

João de Deus Ferreira (João Laurindo), 89 anos — É o morador mais antigo do Buieie e atualmente um dos poucos griôs da comunidade. Casado com Eloísa Ferreira, ele é apaixonado por congado e busca participar ativamente das atividades e viagens promovidas pelo Buieie Projeto Quilombola.

Figura 1 — João de Deus Ferreira (João Laurindo)



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Eloisa Maria Basílio Ferreira, 58 anos — Eloísa Ferreira, esposa de João Laurindo, não é natural do Buieié, mas desde que se casou com ele, reside na comunidade. Apesar de não ter nascido no Buieié, Eloísa se esforça para conhecer a história do local e participa ativamente de várias atividades culturais. Ela também adora cultivar plantas, e a maioria do que consome vem de seu próprio quintal.

Figura 2 — Eloisa Maria Basílio Ferreira



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Carina Aparecida Veridiano, 34 anos — Ela é uma das lideranças do Buieie Projeto Quilombola e da Feira de Agricultura Familiar Quilombola Buieie. Militante da causa quilombola e mãe de dois filhos, ela também cursa Licenciatura em Educação do Campo na UFV.

Figura 3 — Carina Aparecida Veridiano



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Elson Antonio Verdiano, 41 anos — Mestre de capoeira, ele lidera o grupo local e dá aulas para crianças e adolescentes. É irmão de Carina e companheiro de Cleonilde.

Figura 4 - Elson Antonio Verdiano



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Cleonilde Alves Cecílio Pereira (Nina), 36 anos — Companheira de Elson, ela é também uma das lideranças do Buieié Projeto Quilombola e idealizadora da Feira de Agricultura Familiar Quilombola Buieié. Além disso, cursa Licenciatura em Educação do Campo na UFV.

Figura 5 — Cleonilde Alves Cecílio Pereira (Nina)



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Julius Keniata Nokomo Alves Silva, 36 anos — Liderança quilombola do Buieié e coordenador do projeto Caravana Quilombola. Ele atua no movimento quilombola e é membro da Rede de Saberes dos Povos Quilombolas (Rede SAPOQUI).

Figura 6 — Julius Keniata Nokomo Alves Silva



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Luis Fernando Mateus Gonçalves, 22 anos — Natural do Buieié, ele cursa História na UFV, é atualmente instrutor de tambores e uma das lideranças jovens na comunidade.

Figura 7 — Luis Fernando Mateus Gonçalves



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Maria Eduarda Alves Silva, 15 anos — Participante da feira, ela também é instrutora de artes e ministra oficinas para as crianças da comunidade.

Figura 8 — Maria Eduarda Alves Silva



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Marina do Carmo Alves Silva, 62 anos — Mãe de Julius, ela é natural do Buieié e uma das feirantes da comunidade.

Figura 9 — Marina do Carmo Alves Silva



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Maria Aparecida Veridiano, 70 anos — Mãe de Carina e Elson, moradora antiga do Buieió e feirante.

Figura 10 — Maria Aparecida Veridiano



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

José do Carmo, 56 anos — Professor e Historiador da História da África e dos Povos Africanos em Diáspora, especialista em História de Minas Gerais.

Figura 11 — José do Carmo



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Kalebe Emanuel Batista dos Santos, 10 anos — Aluno da capoeira e da oficina de tambores.

Figura 12 — Kalebe Emanuel Batista dos Santos



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Artur Caliu, 13 anos — Aluno da oficina de tambores.

Figura 13 — Artur Caliu



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Kauã Lopes, 13 anos - Aluno da oficina de tambores.

Figura 14 — Kauã Lopes



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Ezequiel Fernando Veridiano Rodrigues, 10 anos - Filho de Carina, aluno da capoeira.

Figura 15 — Ezequiel Fernando Veridiano Rodrigues



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Kaila Cristina Vidiano Pereira, 10 anos — Aluna da capoeira.

Figura 16 — Kaila Cristina Vidiano Pereira



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

Valquíria da Silva Ferreira, 10 anos — Aluna da capoeira.

Figura 17 — Valquíria da Silva Ferreira



Fonte: Roberta Abreu e Taynara Pena, 2024.

3.2.2 Gravações

Para realizar as gravações, utilizamos uma câmera Nikon D5200 com lente de 18-105mm, uma câmera Nikon D3200 com lentes de 50mm e 60mm, um gravador de áudio, uma lapela e dois tripés.

20/07/24 - No nosso primeiro dia de gravações estava ocorrendo a Feira de Agricultura Familiar Quilombola Buieié. Chegamos por volta de 10 horas da manhã, acompanhamos o decorrer da feira e suas atividades. Assim que as atividades foram finalizadas, fomos realizar as entrevistas.

Neste dia entrevistamos Maria Eduarda, que é uma mulher negra participante da feira e instrutora de artes. Durante a entrevista conversamos sobre a feira, sobre a versão que ela conhecia sobre o surgimento do Buieié, sobre a importância cultural quilombola e sobre perspectivas futuras.

Também neste mesmo dia entrevistamos Luis Fernando, jovem sempre presente na comunidade. Luis cursa História e é instrutor da aula de tambores. Durante a conversa com Luis, falamos sobre a riqueza cultural do Buieié e a importância de manter ela viva entre as gerações principalmente por meio dos tambores.

As entrevistas foram realizadas no quintal da igreja católica da comunidade, em local aberto que destacava a paisagem natural.

27/07/24 - No segundo dia de gravações, nos organizamos para realizar várias entrevistas no mesmo dia e otimizar o tempo. Pela manhã, iniciamos as gravações com a capoeira, que ocorre todo sábado às 9h da manhã, na sede conquistada pelo Buieié Projeto Quilombola. Gravamos a capoeira acontecendo sem interromper a aula. Logo após seu término iniciamos as entrevistas com as crianças participantes autorizadas pelos pais. Entrevistamos cerca de cinco crianças e fizemos as mesmas perguntas a todas, centralizadas na importância da capoeira para elas.

Após essa conversa, foi a vez de entrevistarmos Elson, o mestre de capoeira. Ele contou como a capoeira o levou a ter disciplina e moldou seu caráter. Também falou sobre a importância de ser uma pessoa da própria comunidade ensinando capoeira aos mais jovens.

Terminada a entrevista com Elson, fomos convidados a almoçar em sua casa e de Cleonilde. Fomos muito bem recebidas por ambos e a alimentação foi de extrema importância, pois passaríamos o dia inteiro gravando. Assim que terminamos de almoçar,

conversamos com os donos da casa e eles nos levaram para conhecer seu quintal. Aproveitamos para fazer algumas imagens destes momentos para cobrir algumas falas durante o documentário.

No período da tarde, continuamos as gravações e retornamos para a sede do Buieié Projeto Quilombola, onde acontecia a oficina de tambores. Fizemos imagens enquanto Luis Fernando ministrava a aula, porém, neste dia, muitos alunos faltaram. Assim, combinamos de voltar e realizar novas imagens e entrevistas com os alunos participantes na próxima semana.

Acabada a captação dos tambores, seguimos em direção à casa de Marina, uma das feirantes da comunidade e mãe do líder Julius. Lá, iniciamos as entrevistas com Carina, que falou sobre sua vivência enquanto mulher preta quilombola, sobre sua atuação no Buieié Projeto Quilombola e sobre principalmente a importância cultural do Buieié.

A próxima entrevistada foi Marina. Ela falou sobre sua vivência no Buieié desde a infância. Falou com orgulho dos filhos, que hoje estudam e desfrutam daquilo que ela não pôde. Além disso, contou sobre a sua participação na feira, a importância da socialização e de poder obter renda por meio dela.

Quando terminamos de entrevistar Marina, fomos entrevistar seu filho, Julius. Porém, surgiram alguns empecilhos para realizarmos a gravação. Começamos a entrevista, e logo as baterias das câmeras começaram a descarregar. Além disso, começou a anoitecer e a mudança de luz impossibilitou a gravação. Sendo assim, marcamos com Julius para outra data e encerramos as gravações neste dia.

01/08/24 - O terceiro dia de gravação ocorreu numa quinta-feira à tarde. Entrevistamos Julius no quintal de sua casa, onde ele falou sobre sua vida como homem preto quilombola. Julius discutiu os projetos dos quais participa representando o Buieié e a importância do quilombo como forma de resistência.

03/08/24 - Começamos o nosso quarto dia de gravações entrevistando o senhor João Laurindo. Para isso, subimos até a parte alta do Buieié, chamada Joãozinho. Ao chegarmos lá, conversamos com João e sua esposa, Eloísa, enquanto tomávamos café. Na entrevista, João compartilhou histórias de sua vivência e falou sobre a versão de origem do Buieié, na qual sua bisavó foi a precursora. Em seguida, entrevistamos Eloísa, que falou sobre seu amor pelas plantas e cultivo, como acabou se mudando para o Buieié e a importância dos estudos raciais para ela como mulher preta. Após as entrevistas, registramos algumas imagens da casa, tanto do casal quanto do quintal.

Para finalizar o dia, conversamos com Maria Aparecida, uma das moradoras mais antigas do bairro. Ela compartilhou sua experiência e a luta para cuidar dos filhos, além de falar sobre o que tem aprendido ao participar da feira e dos projetos da comunidade.

04/08/24 - No dia seguinte, iniciamos as gravações à tarde, acompanhando novamente a aula de tambores ministrada por Luis Fernando. Fizemos imagens do andamento da aula e, ao final, iniciamos as entrevistas com os alunos, autorizados pelos pais. Nas entrevistas, abordamos a importância dos tambores para cada um deles.

Em seguida, fomos para a casa de Cleonilde (Nina) e começamos a entrevista com ela. Nina contou sobre sua vida e seu despertar para as questões da comunidade, além de falar sobre a feira e seu desenvolvimento.

10/08/24 - Para encerrar as nossas gravações, entrevistamos, às 9h da manhã de sábado, o professor e historiador José do Carmo. O estudioso, com toda sua bagagem teórica e a relação próxima com o Buieié, pôde oferecer explicações sobre a história, cultura e simbolismos africanos que moldam a identidade quilombola, adicionando credibilidade e enriquecendo a narrativa do documentário.

3.3 Pós-Produção

No processo de pós-produção, começamos pelo armazenamento de todos os arquivos em um drive compartilhado. Após garantir que tudo estava salvo, organizamos os arquivos por personagem e separamos as imagens para cobrir, além de decupar todas as entrevistas.

Em seguida, finalizamos o roteiro, destacando os personagens e as falas que receberiam maior atenção. Por fim, entramos em contato com os entrevistados e com os responsáveis dos menores de idade para obter as autorizações de uso de imagem. Esse contato foi feito via WhatsApp, onde orientamos que as pessoas enviassem um áudio lendo o documento de autorização de uso de imagem fornecido pelo Departamento de Comunicação Social e, além disso, também disponibilizamos a opção de imprimir e assinar o termo à mão. Todos os termos necessários foram registrados e organizados em pastas no Google Drive.

3.3.1 Edição

Para a edição, contamos com o auxílio de um profissional especializado, o João Antonio Macêdo Nascimento, que montou o documentário conforme as diretrizes estabelecidas no roteiro. Além disso, também editamos parte do produto, ajustando da melhor forma para a entrega final. Após a entrega da versão inicial, foram realizados ajustes com base nas observações e recomendações da orientadora, a Prof.^a Mariana Procópio.

Para a abertura do documentário, foi produzido um logotipo com o título Buieie: Cultura em Resistência, criado voluntariamente pela profissional Laura Beatriz. O produto final tem uma duração total de 26:09 minutos. Para a trilha sonora, buscamos algo que estivesse alinhado com a identidade do documentário, que refletisse a rica herança cultural afro-brasileira e que evocasse o sentimento de resistência, ancestralidade e união perceptíveis na comunidade Buieie. Sendo assim, as seguintes canções integram o documentário: Os Tambores de Minas, de Milton Nascimento; Sorriso Negro, de Dona Ivone Lara; Frutos da Terra, de Renato Braz; e as instrumentais, Berimbau, de Mestre Muito Tempo e Afro Blue, de Mongo Santamaria. Por fim, editamos este memorial de acordo com as normas da ABNT, realizando os ajustes necessários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa e produção do documentário, percebemos que a comunidade Buieie mantêm viva a sua cultura, identidade e sentimento de pertencimento e reconhecimento enquanto quilombolas. Este quilombo desafia as narrativas convencionais centradas apenas na escravidão e na busca por liberdade: há um povo que luta pela resistência cultural e pela manutenção de seus valores identitários.

Durante o primeiro contato com alguns membros do Quilombo Buieie, percebemos um certo receio em colaborar com o desenvolvimento deste trabalho. Esse sentimento é decorrente de experiências anteriores em que pesquisas e projetos foram realizados sem um retorno efetivo para a comunidade e, frequentemente, resultaram em representações que não refletiam fielmente sua realidade e identidade. Entretanto, nos foi dada a chance de conhecer e criar laços com pessoas que gentilmente cederam sua casa, seu tempo e, o mais importante, sua confiança para acessarmos suas memórias, e, assim, atuamos de forma ética e respeitosa enquanto futuras comunicadoras e jornalistas.

Ademais, observamos que há trocas de conhecimentos entre gerações. Os membros mais velhos da comunidade, reconhecidos como griôs, são responsáveis por transmitir as histórias e saberes. Entretanto, eles têm se conscientizado progressivamente através da interação e aprendizado proporcionados pelos mais jovens, que se mostram cada vez mais engajados em dialogar sobre conceitos como “quilombo”, “quilombola”, sobre a consciência racial e a importância da identidade negra. Este processo educacional interno tem promovido um resgate crítico da história da comunidade e de seus ancestrais, fomentando um empoderamento e entendimento mais profundo das lutas e conquistas do passado.

Durante o desenvolvimento do projeto, enfrentamos algumas limitações, como restrições de tempo e a falta de equipamentos mais sofisticados, que poderiam ter ampliado as possibilidades de captura e registro das expressões culturais da comunidade. Outro fator importante foi que muitos dos mais velhos já haviam falecido ou estavam doentes na época dessa produção, o que impossibilitou um volume maior de entrevistas com essa faixa etária. Apesar disso, acreditamos que esse documentário contribui tanto para a eles, que agora tem essas histórias registradas em vídeo, quanto para o público externo, visando desconstruir estereótipos e ampliar a compreensão sobre a diversidade das experiências quilombolas.

O documentário sobre a vivência na comunidade do Buieie nos proporcionou a oportunidade de observar de perto cada traço cultural do local, bem como a construção das

relações que se estabelecem a partir da coletividade. Essa experiência foi de extrema importância para nossa formação pessoal e profissional. No aspecto pessoal, conhecemos muitas pessoas por meio deste trabalho e construímos com elas uma relação que vai além de fonte e jornalista. Profissionalmente, tivemos a oportunidade de reforçar o papel do jornalista como um contador de histórias relevantes, atuando como um agente de transformação social.

Para pesquisas futuras, recomendamos uma abordagem mais aprofundada sobre o impacto das políticas públicas nas comunidades quilombolas, principalmente levando em consideração a recente inclusão do mapeamento das comunidades tradicionais quilombolas no Censo Demográfico.

Por fim, esperamos que este documentário contribua para uma maior valorização e reconhecimento do Quilombo Buieie e de tantas outras comunidades que, através da resistência e da preservação cultural, mantêm vivas as raízes da história e identidade afro-brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANCINE - Agência Nacional de Cinema: **Ministério da Cultura**. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/apresentacoes/MARCacheira_LUANARUFINO.pdf> Acesso em: 23 ago. 2024.

ARAÚJO, F. G.; TEMÓTEO, L. M. Cotas raciais – dívida, reparação e afirmação. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 34, n. 1, 2021. DOI: 10.5902/2317175853332. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/53332>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BERTTO, Monique de Cássia. **Essa História Não É Minha**. Orientador Ernane Corrêa Rabelo. 2015. 40f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - Minas Gerais. 2015. Disponível em: <https://www.jornalismo.ufv.br/wp-content/uploads/2018/06/Memorial-Essa-hist%C3%B3ria-n%C3%A3o-%C3%A9-minha-.pdf>.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos e dá outras providências. Art. 2º. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 nov. 2003. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=4&data=21/11/2003>. Acesso em: 30 ago 2024.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Seção 1, p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm?msckid=0c0d30. Acesso em 30 ago de 2024.

BRASIL. Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 nov. 2023. Seção 1, p. 1. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14723.html. Acesso em 30 ago 2024.

BRASIL. Ministério da Cultura. Certificação Quilombola, Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <<https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/certificacao-quilombola>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Governança Fundiária, Quilombolas. Publicado em 28/01/2020. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/quilombolas>. Acesso em: 6 dez. 2023

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: Teoria, prática e experiências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CARRIL, L. F. B. Quilombo, território e geografia. **Agrária (São Paulo. Online)**, [S. l.], n. 3, p. 156–171, 2005. DOI: 10.11606/issn.1808-1150.v0i3p156-171. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/92>.. Acesso em: 10 ago. 2024.

CARVALHO, N. dos S. O Produtor E O Cineasta Zózimo Bulbul – O Inventor Do Cinema Negro Brasileiro. **Revista Crioula**, 12. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2012.57858>>

CURTA-METRAGEM. *In*: Oxford Languages and Google. Disponível em: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>>. Acesso em: 20 ago. 2024

DESS, Conrado. Notas sobre o conceito de representatividade. **Urdimento–Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1n. 43, abr. 2022. <<https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/21115/14029>>

FLORENTINO, Manolo; AMANTINO, Márcia. Uma morfologia dos quilombos nas Américas, séculos XVI-XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.259-297.

HALL, Stuart "Identidade cultural e diáspora" em. Rutherford (org.), **Identidade: comunidade, cultura, diferença**, Londres: Lawrence e Wishart, 1990, pp ,,. 222-237.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários – Conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

MAGNO, Lucas. *Que lugar é esse? Identidades e significados territoriais no bairro rural Buieie – Viçosa, MG*. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Geografia, Viçosa, 2008. Disponível em: <https://geo.ufv.br/wp-content/uploads/2013/08/Lucas-Magno.pdf>. Acesso em: 30 ago 2024

MELO, Cristina Teixeira Vieira. O documentário como gênero audiovisual. **Comunicação & Informação**, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo**. 3ª edição. São Paulo: Summus, 2009.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de Lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis RJ: Vozes. 2017. p. 320.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora - Coleção Campo Imagético, 2010.

O Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas em 1.696 municípios. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

PARREIRA, Tainara de Souza. **Entre Livros E Lutas, Quilombos E Culturas - Pela Valorização Da Cultura Quilombola**. Dissertação (Pós-Graduação em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PENAFRIA, M. O ponto de vista no filme documentário. Universidade da Beira Interior, 2001. Disponível em: <http://www.filmes.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Opontodevistadofilmedocumentario.pdf>

PINTO, J. R. de S.; MIGNOLO, W. D. **A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial**. Civitas: revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 381–402, 2016. DOI: 10.15448/1984-7289.2015.3.20580. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/2058> . Acesso em: 5 dez 2023.

PINTO, Neide Maria de Almeida. **Família, identidade e vínculos no meio rural: a comunidade negra do Buieié, MG**. Disponível em: <http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/public/t_18.pdf >Viçosa-Quilombo Buieié . Disponível em: <<https://www.ipatrimonio.org/vicosa-quilombo-buieie/#!/map=38329&loc=-23.53991079344365,-406.64477348327637,14>>. Acesso em: 6 dez. 2023

POSTALI, Thífani. Atemporalidade de Chronique d'un Été: reflexões sobre a ética no documentário e na sociedade. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. e44527, 2023. DOI: 10.15448/1980-3729.2023.1.44527. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/44527>. Acesso em: 27 ago. 2024.

REIS, João José. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **Revista Usp**, n. 28, p. 14-39, 1996.

RODRIGUES, Anthony. Os cinemas negros brasileiros e a transformação da imagem: percursos de um termo estético-político. **Revista Sociedade e Estado**, Volume 37, Número 3, Setembro/Dezembro 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237030012>>

SOBRINHO, G. A. Vídeo e televisão independentes no Brasil e a realização de documentários. **Lumina**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2014. DOI: 10.34019/1981-4070.2014.v8.21127. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21127>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

ANEXOS

Autorização de uso da imagem:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DCM

Prédio CCH II - Campus Universitário - Viçosa, MG - 36570-900 - Telefone: (31) 3612-7200 - E-mail: dcm@ufv.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM
para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Comunicação Social - Jornalismo

Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador/a da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito/a no CPF/MF sob nº _____, residente à Av./Rua _____, nº. _____, município de _____/UF: _____, **AUTORIZO** o uso de minhas imagens e falas em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos, áudios e documentos, para serem utilizados no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

ciente de que os materiais do produto final deste TCC podem ser veiculados total ou parcial em programas estritamente educativos da TV Viçosa e da Rádio Universitária FM, da Fundação de Rádio e Televisão de Viçosa, bem como nos canais oficiais do Curso de Comunicação Social - Jornalismo. Estou ciente também que partes deste TCC também podem ser utilizadas em apresentações de trabalhos em Congressos e publicações científicas. Fica ainda **autorizada, de livre e espontânea vontade**, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das minhas imagens e falas não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Cidade: _____; UF: _____;

Dia: _____; Mês: _____; Ano: _____.

(Assinatura)

Nome legível: _____

E-mail e Telefone para contato: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DCM

Prédio CCH II - Campus Universitário - Viçosa, MG - 36570-900 - Telefone: (31) 3612-7200 - E-mail: dcm@ufv.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM – MENOR DE IDADE
para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Comunicação Social - Jornalismo

Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador/a da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito/a no CPF/MF sob nº _____, residente à Av./Rua _____, nº. _____, município de _____/UF: _____ ME RESPONSABILIZO E AUTORIZO o uso da imagem do _____ em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no projeto experimental TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - COMUNIDADE QUILOMBOLA BUIEIÉ: CULTURA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO, feito por Roberta Abreu e Taynara Pena, quantas vezes se fizerem necessários e em todo território nacional e, eventualmente, no exterior, em meio impresso e eletrônico (internet), em local, edição, tamanho a serem definidos a exclusivo critério da autorizada. A presente autorização é fornecida em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, a qualquer tempo e título.

Viçosa __/__/__.

(Assinatura)

Nome legível: _____
E-mail e Telefone para contato: _____

Roteiro de perguntas:

| ROTEIRO DE PERGUNTAS | |
|--|--|
| Comunidade: | |
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Conta um pouco sobre você e como é sua história no quilombo. 2. Para você, qual é a importância da cultura quilombola para manter viva a identidade e a história desse grupo? 3. Quais são as tradições ou costumes mais marcantes e importantes? 4. Como as histórias e tradições são passadas de geração em geração no quilombo? Quem são as pessoas que mais contam essas histórias e preservam a cultura? 5. Quais são os principais desafios que a comunidade quilombola enfrenta para manter e promover sua cultura? 6. Como a música, a dança e outras formas de arte são valorizadas e fazem parte do dia a dia na comunidade quilombola? 7. Como você vê o papel da educação e do ensino da história quilombola para fortalecer o senso de pertencimento e a valorização da identidade cultural entre os jovens? 8. Quais são as formas de resistência que a comunidade quilombola usa para enfrentar as pressões externas e mudanças na sociedade? 9. Como a comida tradicional e as práticas agrícolas antigas ajudam a preservar a cultura quilombola e o vínculo com a terra? 10. De que maneira valorizar a cultura quilombola pode ajudar a construir uma sociedade mais inclusiva e que respeita a diversidade cultural? | |
| Especialista: | |
| <ol style="list-style-type: none"> 1. O que é um quilombo? 2. O que a gente sabe sobre o Quilombo Buieieí, desde a sua formação? 3. Explique sobre a titulação de terras e a atual situação do Buieieí nesse sentido 4. Você conhece a comunidade e acompanha ela há muitos anos. Em que sentido a comunidade evoluiu com o passar dos anos? 5. A comunidade se mostra muito engajada culturalmente. Qual a importância disso? 6. Somente no último Censo Demográfico (2022) houve o mapeamento da população quilombola no Brasil. Em sua visão, por que demorou tanto para incluir o grupo nessa estatística? | |

Roteiro geral:

| DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL “BUIEIEÍ: CULTURA EM RESISTÊNCIA” | |
|---|------------------|
| TEMPO: 26’09” ANO DE PRODUÇÃO: 2024 PRODUÇÃO: ROBERTA ABREU E TAYNARA PENA | |
| ETAPA | DESCRIÇÃO |

| | |
|---|---|
| <p>Milton Nascimento - Os Tambores de Minas</p> <p>Cobrir com imagens do Buieié; roda de conversa; Feira Agroecológica; tambores</p> <p>SONORA EM OFF LUÍS FERNANDO</p> <p>SOBE SOM + VINHETA Fade Out e CAI PARA BG</p> <p>JOSÉ DO CARMO Especialista em História da África e Minas Gerais GC COM NOME E DESCRIÇÃO</p> <p>Cobrir com imagens dos espaços: sede cultural, antigo campo de futebol, estrada + imagens da feira, capoeira, roda</p> | <p>----- ABERTURA + TRILHA -----</p> <p>A nossa cultura meio que moldou o mundo assim, né? Porque na música, na escrita, em tudo basicamente, não tem como você falar de nada no mundo sem falar da cultura preta da cultura indígena, que foi tirado da gente, né? E modificado para parecer que foi criado por outro povo. Então, a nossa cultura hoje, ela é uma forma de resistência: é nosso, a gente tá aqui e a gente vai lutar por isso.</p> <p>O quilombo, nós definimos no Brasil, ele tem vários significados no continente africano. Alguns significados importantes: no norte da África é para designar os exércitos que foram formados para resistir às invasões dos povos romanos e a posteriores dos povos europeus. Tem a designação de quilombo também com significado de bairros em alguns países africanos, mas, no Brasil, nós formamos inicialmente as primeiras Áfricas, as Pequenas Áfricas que nós chamamos, porque eram reduções formadas por negros africanos que não se submeteram ao processo de escravidão no Brasil e foram acolhidos pelos grupos indígenas da região, foram formando essas pequenas Áfricas.</p> <p>Essas pequenas Áfricas deu origem a aquilo que nós chamamos de Quilombo, mas na verdade antigamente também era conhecido por Mocambos. O Buieié sempre teve uma atividade cultural, mas era muito restrita a pequenos grupos, então a atividade cultural ela tem um fator muito importante porque ela reconecta as pessoas com suas raízes africanas. As conexões com as nossas raízes africanas ela acontece em várias formas, mas uma das formas mais significativas é a cultura que você consegue reconectar. Nós temos uma cultura muito genuína, muito própria nas áreas quilombolas, as quais precisam ser exploradas.</p> |
|---|---|

| | |
|---|---|
| <p>JULIUS KENIATA Membro da Comunidade GC COM NOME E DESCRIÇÃO</p> <p>Cobrir com imagem da placa de localização; da Feira - pessoas em roda, interação entre feirante e cliente; tambor; capoeira; João Laurindo (griô) dançando.</p> | <p>Durante o nosso processo de formação de identidade durante a nossa caminhada para tentar compreender: Por que que nós somos chamados de quilombolas? Por que a nossa comunidade é um quilombo? E a partir do momento em que a gente começa a retomar a discussão da nossa identidade, uma coisa que para a gente é crucial, é o nome da nossa comunidade: Buieié. Tem um nome diferente, com uma pronúncia diferente. A palavra Buieié vem de um tronco linguístico Macro-jê, que é o tronco linguístico que tem várias línguas, né? Vários idiomas de povos originários, por isso especificamente que é o da nossa região. Então ali a gente entendeu que essa palavra não vinha de um tronco linguístico africano, mas sim indígena, que quer dizer ‘Serpente Grande’, a partir do que nós levantamos. Sobre essa questão das tradições, das manifestações, dos rituais e das práticas, muitas se perderam... não por um desejo da comunidade, mas por conta de um processo muito violento que é a tentativa de apagamento da identidade das pessoas, a partir de uma construção de um padrão de modo de vida, de língua, de comportamento, então o racismo, muito forte que tá estruturado na sociedade, faz com que as pessoas cada vez mais criem na sua mentalidade vergonha de dizer de onde vem, quais são suas práticas, suas tradições e outras características. Todas as nossas práticas e tradições são importantes, mas acho que a principal delas, que mais é encantadora, que as pessoas ficam super emocionadas quando participam, são as rodas griôs. Porque nelas a gente consegue ouvir e parte das coisas que a gente faz hoje é retomando algumas tradições que a gente foi aprendendo ouvindo essas pessoas. Poder escutar as griotas e os griôs trazendo para nós como que nosso povo foi formado e como a gente guarda essas tradições é muito importante.</p> <p>A importância da cultura quilombola para mim é a importância da minha história, de estar repassando, porque a cultura é a minha história, dos meus ancestrais.</p> |
| <p>CARINA Membro da Comunidade GC COM NOME E DESCRIÇÃO</p> | <p>A importância da cultura quilombola para mim é a importância da minha história, de estar repassando, porque a cultura é a minha história, dos meus ancestrais.</p> |

| | |
|--|--|
| <p>Cobrir com imagens da feira, apresentação de Carina com microfone; crianças da comunidade; João Laurindo sentado; roda de conversa; momentos da Feira</p> | <p>Então quando a gente tá com as nossas rodas, com as nossas festas, com os nossos espaços, né? Eu tô ali também falando o quanto esses espaços são importantes de serem preservados. Os nossos mais velhos conhecem, eles nos passou e agora é dever nosso também repassar a história para quem tá vindo. Quando eu sento para ouvir os meus mais velhos assim eu consigo ver tanta coisa que antes eu não via. Porque quando a gente gual eu falei nesse processo que é tão violento das escola, né, passando por tantas escolas, por tantos processos violentos, a gente vai perdendo isso, né, de ter orgulho de quem a gente é. Mas eu vejo também que hoje, a partir dessas escutas dos nossos mais velhos, e tá mais perto, das pessoas, das crianças, isso nos fortalece e a gente vai criando e vai resgatando muito a nossa tradição que a gente foi perdendo. Isso é cultural nosso, só que se a gente não valoriza e não pratica a gente vai perdendo.</p> |
| <p>CLEONILDE (NINA) Membro da Comunidade GC COM NOME E DESCRIÇÃO</p> <p>Cobrir com imagens da roda, crianças da capoeira, foto do uniforme do Projeto e da Vereda Capoeira; quadro de resistência, Feira</p> | <p>Antes a gente fazia rodas com nossos mais velhos, né? Sentava ali, né, ao redor de uma fogueira, contava vários causos... esses causos foram se perdendo. Então assim, esses casos, para a gente, é muito importante, não pode passar né? A gente não deveria deixar morrer porque, nesse sentido, a gente precisa manter sempre viva a nossa história, então à medida que a gente vai se perdendo, a gente também vai perdendo um pouco da nossa história, da nossa da nossa identidade de fato. Isso precisa persistir, sabe? Então é uma luta contínua que a gente precisa fazer sempre e, nesse sentido assim, a gente ouvir mais é preciso, né, a gente fomentar isso nas nossas crianças, é o trabalho que o BPQ vem fazendo muito, o Buieíé Projeto Quilombola.</p> <p>Formas de resistência... Uma delas é uma delas é essa persistência, né? É eu digo persistência de alguns, né? Por parte de alguns, né? Porque hoje a gente vê que muitos têm buscado ocupar os espaços, aí a resistência na luta contínua que não pode parar, né? Então nesses esforços do dia a dia, né? Porque a comunidade tem sido muito invisibilizada em alguns processos, então assim cada um tentando lutar também de uma maneira possível a gente consegue ir ocupando e resistindo nos espaços.</p> |

| | |
|--|--|
| <p>SONORA EM OFF JOSÉ DO CARMO Inicialmente (15s) cobrir com imagens da chegada da Comunidade na parte bloquetada e estrada vicinal</p> | <p>O quilombo do Buieieé tem algumas particularidades e é muito importante que a gente traga essas particularidades do Quilombo Buieieé. O primeiro ponto importante que a gente tem que ressaltar é que o Quilombo Buieieé é uma área antiga de habitação indígena, que é a tribo Buieieé.</p> |
| <p>SOBE IMAGEM DO JOSÉ DO CARMO</p> | <p>Nós temos tribos remanescentes dos Buieieés na região de Barbacena, Alto Rio Doce que faz parte da microrregião de Viçosa e aqui na região de Viçosa. Então especificamente ele inicia com um acolhimento da tribo Buieieé aos povos africanos que fugiam do processo de escravidão, esses povos aumentaram a população na região dos Buieieés e, com o aumento da atividade de plantio de grãos para abastecer as áreas de produção de ouro a população africana se tornou muito maior do que a população indígena. Nós tínhamos subgrupos em vários locais, então a população africana se tornou muito maior do que a população indígena do Buieieé aqui de Viçosa. Então ela passou a ser designada como uma área quilombola, porque aconteceu uma mistura de povos; nós chamamos cientificamente de migração gênica, mas vulgarmente chama miscigenação. Então passou por um processo de miscigenação muito intenso. Então a área Buieieé hoje que é uma redução mocambo ou quilombola, é uma área indígena que se tornou uma área de habitação africana.</p> |
| <p>SONORA JULIUS KENIATA</p> | <p>A comunidade Buieieé é uma comunidade que está na área rural do município de Viçosa, é mais uma das várias comunidades negras, seja rural ou urbana, periférica, que foi constituída a partir da população negra que é descendente daquelas e daqueles que foram arrancados de África e traficados para essa região para servirem como mão de obra escravizada nas fazendas. Durante a pandemia, em 2020, se eu não me engano, a gente resolveu fazer algumas atividades virtuais para mostrar para as pessoas o que a gente estava fazendo e pedir apoio porque a gente ia começar a reforma do nosso Centro Comunitário. E foi ali que durante uma conversa de “tem que ter uma página no Facebook e tal”, todo mundo usando rede social. E aí a Carina que batizou com esse nome Buieieé Projeto Social, que era um</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>projeto de sociedade do Buieié, mas é um outro projeto de sociedade; não aquele que é falado pelo pelo poder público, para o vereador, para o prefeito e tal... era um projeto afrocentrado. Depois a gente percebeu que esse Buieié Projeto Social, na verdade, era um projeto de comunidade quilombola, por isso que a gente aperfeiçoou o nome e virou Buieié Projeto Quilombola.</p> |
| <p>SONORA CARINA</p> | <p>O Buieié Projeto Social, como falei, começou em 2016 e depois de 2016, a gente começou com algumas atividades, né? A gente começou no processo de arrecadação mesmo, né? Porque já tinha um espaço era do antigo Tambores do Buieié, mas o espaço estava lá. Várias pessoas começaram alguma atividade e parou e só tinha mesmo a estrutura, né? A gente precisou arrecadar muito dinheiro para começar e foram vários amigos e várias pessoas também que já fizeram parte desse projeto no passado, doando, várias pessoas que doaram alimentos, o lanche para a gente estar ali, aos sábados e domingos estudava na semana e final de semana a gente ia lá concretizar um sonho que era nosso, ter um espaço para a gente fazer nossas atividades e ver realmente, né? Que a gente tava em um lugar que a gente estava galgando espaço com conhecimento e a gente queria que os nossos filhos, irmãos, também adentrassem esses espaços e que nós começasse essa revolução que a gente tanto sonha da nossa comunidade: as pessoas terem mais conhecimento e se afirmar cada dia mais enquanto pessoas pretas e quilombolas e, a partir de nós, a gente ir evoluindo e conquistando né? Tudo que a gente quer.</p> |
| <p>JOÃO LAURINDO Griô da Comunidade GC COM NOME E DESCRIÇÃO</p> | <p>Eu sou João de Deus Ferreira, tenho 89 anos. Isso aqui foi comprado no tempo dos cativeiros, meu avô e minha avó que compraram. Foi indo, Deus levou eles e ficaram os filhos, os filhos foram indo, foi indo, foi indo, tiveram os netos e foi aumentando. Então, graças a Deus, aqui nós moramos no que é nosso, não pagamos aluguel de nada aqui. O que nós comemos e bebemos aqui tudo é plantado aqui mesmo.</p> |
| <p>MARIA APARECIDA</p> | <p>Formado [o Buieié] assim, geralmente eu não sei</p> |

| | |
|---|---|
| <p>Membro da Comunidade GC COM NOME E DESCRIÇÃO</p> | <p>não, mas eu comecei a aprender agora, né? Com o pessoal que começou a mexer. E aí que eu entrei assim na história, né? Mas eu tenho aprendido muita coisa, que às vezes tem coisa que você não sabe, né? Aí você vai aprendendo, vai incluindo e aprendendo com o pessoal da comunidade.</p> |
| <p>MARIA EDUARDA Membro Da Comunidade E Instrutora De Artes BG - Mongo Santa Maria GC-COM NOME E DESCRIÇÃO</p> <p>SONORA JULIUS KENIATA</p> <p>Cobrir com imagens de João Laurindo regando plantas</p> | <p>Eu pelo menos eu não sabia o que era quilombo, quilombola, essas coisas porque não era recente, mas não era muito falado. Eu acho que as histórias. Eu acho que a permanência das histórias, sabe? A gente não tem que esquecer isso. A gente precisa registrar, né? Porque infelizmente os nossos mais velhos acabam indo. E daí a gente acaba perdendo isso. Receitas, histórias, contos, músicas. As coisas em geral.</p> <p>Sobre o processo de titulação é uma política pública delicada porque ela mexe com a questão da regularização fundiária, da reforma agrária, né? Nós não estamos dentro da categoria de reforma agrária, nós temos a categoria jurídica própria que a gente chama de titulação de terras, então a titulação de terras quilombolas, ela é garantida a partir de uma legislação nacional que tá na Constituição Federal no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que a gente chama de ADCT, que garante basicamente que o Estado tem o dever de garantir o título da terra de maneira coletiva para as Comunidades Quilombolas. Mas o processo de ocupação da terra por nós ele é um processo muito violento, porque inicialmente quando a gente ocupa determinadas regiões essas regiões não tem o interesse sobre elas é a região que ninguém acha que é possível é utilizar para a área de plantio, é possível para construção de condomínio, de Resort, terra improdutivo! O nosso olhar, é um olhar... dentro de um campo que há dentro da academia tem um termo que define a forma de relação dos povos tradicionais, dos povos camponeses com a terra, agroecologia. Então é uma palavra que não é do nosso cotidiano. Mas é uma palavra que representa muito da forma de produção, da forma de lida do nosso povo com a terra. Inclusive a gente sempre vai dizer isso, né? Quem cria a agroecologia são os povos tradicionais, são os quilombolas, indígenas e</p> |

| | |
|--|---|
| <p>Cobrir com imagens da feira BG - Sorriso Negro, Dona Ivone Lara Seguido por sonora de CLEONILDE (NINA)</p> <p>Entra imagem CLEONILDE (NINA)</p> <p>SOBE SOM BG- Sorriso Negro, Dona Ivone Lara</p> <p>MARINA Feirante BG - Sorriso Negro, fade out GC COM NOME E DESCRIÇÃO</p> <p>Cobrir com imagens de Marina na feira</p> <p>ELOÍSA Feirante BG - Sorriso Negro, fade out GC -COM NOME E DESCRIÇÃO</p> <p>Cobrir com imagens da feira, caixas de bombom, artesanatos, quitutes</p> | <p>tal. Antes de existir esse nome, né? Que é cunhado muito tempo depois, mas nós aqui que criamos isso.</p> <p>Nossa feira é uma feira quilombola, então a matéria-prima da própria comunidade, produtos, né? Nossos mesmos, né? A gente busca, Eh, tenta buscar né, menos coisas de fora, né mais coisas da comunidade mesmo nesse sentido</p> <p>Então, no começo, nem queria muito, né, participar e tal aí, né? Aí todo mundo ficou me animando. O Július falou mãe, vai que eu ajudo a senhora que é muito bom, a senhora conhece outras pessoas, né assim, né? Desenvolve mais, assim é que sou muito tímida, muito, tenho muita vergonha de falar assim, né? E aí ele falou vai mãe, é bom para a senhora, então aí eu animei, né? E foi muito bom, sabe? Eu gostei muito, tô gostando muito da feira das coisas muito boa, né? E incentiva também a gente plantar, né? Porque assim, né? Eu agora tenho minha horta, eu planto minhas coisinhas, sabe? Então assim tá sendo muito bom. Eu tô gostando muito sabe e assim né?</p> <p>Eu sou apaixonada com a feira, apaixonada, a feira pra mim é uma terapia, lá é o lugar de descarregar todas as energias ruins que a gente carrega. Hahaha só de marcar a data da feira e eu já fico emocionada, fico porque eu sei que eu vou levar meus quitutes, eu vou trocar meus quitutes com as companheiras de lá, eh, eu vou conhecer gente diferente, eu vou doar né? Vou receber, então para mim essa feira foi um ganho muito grande na minha vida.</p> |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <p>CARINA</p> <p>Cobrir com imagens da capoeira, tambores e feira</p> | <p>A gente tem, né? Várias atividades que acontece na no centro cultural. A gente tem a aula de reforço, né? Que ela é voltada para o Ensino Fundamental... A gente tem a capoeira, né? Que é sábado e domingo de manhã e a gente tem a aula dos tambores também, né? Sábado e domingo à tarde e a gente tem também as rodas, né que acontece nas casas das pessoas durante a semana uma vez por semana e nós temos também a feira quilombola do Buieieé, que ela acontece é todo segundo sábado, né de cada mês então assim cada pessoa que desenvolve essa atividade, né? Ela participa, né do Buieieé Projeto Quilombola. E essas atividades têm fortalecido, aí, eh tanto a nossa identidade como também fortalecido as nossas crianças.</p> |
| <p>IMAGENS DA CAPOEIRA Cortes da roda de capoeira, instrumentos, crianças jogando capoeira. BG - Berimbau: Mestre Muito Tempo</p> | <p>Esse projeto aí com o pessoal do Projeto Quilombola, era Projeto Social agora quilombola e estou aí com essas crianças aí, fazendo esse projeto lindo aí, graças a Deus. Essa ideia surgiu com os meninos do projeto social que eles queriam alguém para dar aula aqui, mas queria alguém da comunidade, não queriam alguém que fosse de fora, ainda seria legal, furando que você... Aí como eu já Faço capoeira já, tem muitos anos aí eles me chamaram, aí eu já te comecei há algum tempo. Há muito tempo atrás, eu tentei dar aula aqui, mas não deu continuidade, a questão financeira alguma coisa assim que tava meio que atrapalhando. Aí eu comecei aqui era aqui do lado não tinha essa cobertura aqui era na grama, aí agora graças a Deus tem um lugarzinho aqui.</p> |
| <p>ELSON VERDIANO Mestre de capoeira GC COM NOME E DESCRIÇÃO BG - fade out</p> | <p>Ela ensina muita coisa. Compasso, estrelinha, lua de frente, queixada, armada e tesoura e bananeira e corta-capim.</p> |
| <p>EZEQUIEL Aluno da capoeira GC COM NOME E DESCRIÇÃO BG - fade in</p> | |

| | |
|---|--|
| <p>Imagens da capoeira</p> <p>VALQUÍRIA Aluna da capoeira GC COM NOME E DESCRIÇÃO BG - fade in</p> <p>KALEB Aluno da capoeira GC COM NOME E DESCRIÇÃO BG - fade in</p> <p>KAILA Aluna da capoeira GC COM NOME E DESCRIÇÃO BG - fade in</p> <p>IMAGENS DA HORTA Processo de colheita e preparo do alimento BG - Frutos da Terra - Renato Braz</p> <p>Seguido por sonora Marina Imagens de galinha, cabra, Nina e Elson no quintal</p> <p>SONORA JULIUS Imagens da feira, do Julius em palestra, fotos impressas</p> <p>CARINA</p> | <p>Eu não sei quando que eu comecei não, mas eu gosto. Você vai crescendo e você não pode ficar faltando na capoeira, até o tempo que você vai ficando, ficando, ficando. Ai a gente vai saindo pra trocar o cordel.</p> <p>Foi lá, eu comecei a jogar capoeira, e eu gostei, e trouxe muita animação pra mim, e também, quando eu comecei a jogar, eu senti muitas coisas boas. Ensinou meia-lua, armada, queixada, um monte de coisas.</p> <p>Na capoeira não pode ter violência, não pode xingar e não pode desrespeitar os outros. Tem que ser amigo com o próximo. Ele falou isso com a gente, aí a gente é todo mundo amigo. E também não pode brigar. Se brigar, fica de castigo, aí fica sem vir uma semana.</p> <p>A gente planta com esterco de boi. Sabe, o esterco de galinha, né? Então, tudo é muito natural assim, né? Não tem nada de adubo, a gente não coloca nada, sabe assim, é tudo a gente planta em casa, não coloca nada de, né assim como diz que é tudo natural mesmo, né? Como dizer, a gente fala tudo é tudo de casa, tudo caseiro mesmo aqui a gente faz as coisas tudo caseiro.</p> <p>Por isso a gente quer africanizar Viçosa, a gente quer em indigenizar Viçosa para mostrar que tem uma diversidade de povos tradicionais, de etnias, de tradições, de manifestações.</p> <p>Tudo que a gente quer, é atividade para os nossos filhos, uma comunidade com melhores estruturas,</p> |
|---|--|

| | |
|---|---|
| <p>CLEONILDE (NINA)</p> | <p>espaços de saúde, lazer para nossas crianças e tudo que a gente precisar a gente ter aqui.</p> <p>Nesse resgate mesmo, né? Seja dos valores culturais artísticos, porque hoje também é as meninas, né? Tão eh, nesse resgate, né, das artes, né? Que temos aulas na comunidade de artes, tem os tambores também, como você já disse, a capoeira e as rodas de conversa, né? Que os nossos mais velhos que vem fomentando. Mas assim não, a grandes passos largos, né? Mas a passos lentos né? A gente tá caminhando.</p> |
| <p>LUÍS FERNANDO Regente dos tambores BG - Tambores de Minas, Milton Nascimento, fade in, fade out GC -COM NOME E DESCRIÇÃO</p> | <p>Eu não me entendia como quilombola, eu achava que era só tipo. Tá bom? Eu tô aqui e é isso. Não sabia que o lugar onde eu morava tinha a importância que tem, entende? Quando eu peguei, né, todo esse conhecimento comecei a entender sobre o espaço que a gente foi tipo, a mente abriu de um jeito que eu fiquei, tipo, a gente tem que fazer alguma coisa. Foi aí que eu me juntei com a Carina, com o Julius, e com o resto da comunidade para montar isso daqui.</p> |
| <p>IMAGENS DOS TAMBORES COM ÁUDIO ORIGINAL Troca, imagens dos tambores em sequência BG - Tambores de Minas, Milton Nascimento, fade in, fade out</p> | |
| <p>KAUÃ LOPES Aluno de tambor BG - Tambores de Minas, Milton Nascimento, fade in, fade out GC -COM NOME E DESCRIÇÃO</p> | <p>Às vezes, quando a gente tiver mais velho assim, no futuro. A gente pode pensar em tocar em alguma banda. Igual agora eu tô novo assim tocando aqui, se eu for tocar em alguma banda no futuro eu já vou saber, né.</p> |
| <p>ARTUR CALIU Aluno de tambor BG - Tambores de Minas, Milton Nascimento, fade in, fade out GC -COM NOME E DESCRIÇÃO</p> | <p>Eu acho muito bom, a gente aprende muito sobre a cultura do povo antigo aqui do Buieie, sobre os quilombos, é muito bom.</p> |

